



Veículo: O Liberal		
Data: 01/04/2018	Caderno: Atualidades	Página: 05
Assunto: Estudo		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea.	Classificação: Neutra

Cientistas desconhecem causas da ELA

MISTÉRIO

O que mata os neurônios que controlam nossa motricidade?

A Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) é uma doença neurodegenerativa crônica ainda pouco conhecida. A morte do físico Stephen Hawking, um dos cientistas mais conhecidos do mundo, trouxe à tona discussões sobre a causa da ELA, ainda não identificada. “A ELA é caracterizada pela morte, por uma causa desconhecida, dos chamados neurônios motores, que controlam os músculos esqueléticos”, esclarece o neurocientista e coordenador do Laboratório de Neuroproteção e Neurorregeneração Experimental da Universidade Federal do Pará (UFPA), Wallace Le-

al. “Existem estudos que sugerem causas, mas nada foi comprovado. Sugeriu-se, uma época, que a intoxicação por alguns metais pesados, como o chumbo, poderia contribuir para a morte desses neurônios. Causas alimentares também já foram sugeridas, em virtude de casos em uma Ilha do Pacífico, onde, após mudanças de hábitos alimentares, houve redução no número de mortes por doenças degenerativas. Há ainda quem sugira traumas excessivos, principalmente na região da cabeça, durante a prática de esportes, por exemplo. Segundo especialistas, esses traumas poderiam contribuir para o desenvolvimento de ELA”, acrescenta, afirmando, ainda, que “90% dos casos de ELA são chamados de esporádicos, ou seja, sem causas aparentes, e cerca de 10% tem fatores genéticos”.

A doença tem sintomas iniciais similares a outras enfermidades, como o Pa-

kinsonismo. Filha de Denise Schaan, arqueóloga brasileira de reconhecimento internacional, que revolucionou as pesquisas sobre a Amazônia pré-histórica em estudos pela UFPA e que morreu em decorrência da ELA, a biomédica e pesquisadora Ana Paula Schaan, diz que Parkinson, paralisia supra nuclear progressiva, intoxicação por metais pesados e doença de Lyme foram algumas das suspeitas dos médicos antes do diagnóstico, fato que ocorreu quatro meses antes de seu falecimento, em 3 de março deste ano.

“Minha mãe demorou dois anos para ter o diagnóstico de ELA confirmado. Durante todo esse tempo, ela consultou vários especialistas no Brasil. A doença tem quadros muito variados de sintomas e a maioria deles começa pelas pernas. Os iniciais dela foram nas mãos e eram muito parecidos com Parkinsonismo. A progressão foi diferente



do que se conhece na ELA e por isso foi tão difícil diagnosticar, mas a progressão da doença foi muito rápida nos últimos meses, depois do diagnóstico”, explica.

Fraqueza nas pernas e mãos, dificuldade para falar e engolir, dificuldade na coordenação motora fina e na marcha são características iniciais da doença. “Em porcentagem menor, existe uma perda cognitiva, por conta de lesão no córtex frontal, mas isso é mais raro de ocorrer. Nessas situações, as pessoas também podem ter uma demência similar ao Alzheimer”, destaca.

O neurocientista diz que pessoas com ELA morrem, geralmente, em um intervalo de dois a quatro anos após o diagnóstico. “Com o tempo, os músculos da respiração, como o diafragma, deixam de funcionar, porque os neurônios que os controlam morrem”, pontua.

“O que sabemos até agora é que o principal evento lesivo é a perda dos neurônios motores, mas não sabemos o motivo deles morrerem. Existem estudos em animais que sugerem aumento patológico da concentração de neurotransmissores nesses pacientes. Além disso, sabe-se que o aumento de glutamato, na doença, contribui para a lesão, assim como a formação de radicais livres, que são subs-

tâncias derivadas do oxigênio, altamente oxidativas”, detalha.

DIAGNÓSTICO

O especialista também reforça que o diagnóstico tardio, em alguns casos, se deve às dificuldades para eliminar outras doenças. “Você tem que comparar os sintomas da ELA a outras doenças que também têm perda do neurônio motor e diferenciar, ou seja, verificar se não tem atrofia muscular, por exemplo. Esse diagnóstico diferencial é meio complicado, porque existem os sintomas parecidos com de outras doenças”.

Dados quantitativos indicam que, nos Estados Unidos, cerca de 5 mil casos de ELA são detectados por ano. No país, a taxa varia de quatro a oito casos para cada 100 mil habitantes. No Brasil, apesar de poucos estudos, uma pesquisa recente indica que há cerca de dois casos para cada 100 mil habitantes.

Até hoje, não há, no Pará, pesquisadores que estudem a doença especificamente na região amazônica. Em Belém, o polo de tratamento é o Hospital Ophir Loyola, por meio da Secretaria de Estado de Saúde (Sespa).

Apesar de ainda não haver medicamentos para a cura da

ELA, terapias alternativas são realizadas em alguns países, que minimizam os sintomas para retardar a doença.

“Há a ventilação mecânica, necessária, já que a pessoa passa a ter problemas para respirar. Alguns médicos sugerem fisioterapia, outros não, por conta da debilidade motora e há, até agora, apenas um medicamento aprovado para a ELA, que é o Riluzol”, pontua. “Em estudos feitos em animais, constatou-se que ele aumentava o tempo de vida. Depois estudou-se em humanos e detectaram que ele também aumentava um pouco o tempo de vida de pessoas com ELA. Apesar de ter sido aprovado, ele é pouco efetivo”, completa.

Um novo medicamento, chamado Edaravone, começou a ser testado recentemente. Com a aprovação, ele seria mais uma tentativa de tratamento para pacientes com ELA. “Ele sugeriu uma melhora dos pacientes, não muito considerável, mas já é algo. Ele já está sendo testado nos EUA e no Japão já é usado”, informa.